

As relações de gênero em *A chave de casa*, de Tatiana Salem Levy: masculinidade hegemônica e relações abusivas

André Eduardo Tardivo

resumo o presente trabalho tem por objetivo apresentar uma análise das relações de gênero no que diz respeito à masculinidade hegemônica e às relações abusivas permeadas pelo medo e pelo poder masculino presentes na obra *A Chave de Casa* (2013), de Tatiana Salem Levy. para a leitura, consideraram-se as referências críticas sobre o feminismo e as relações de gênero, tendo como base os autores Bourdieu (2015), Freyre (2000), Therborn (2006) e Zolin (2009), entre outros. a partir da leitura realizada, percebeu-se que, em decorrência do medo e do poder hegemônico do homem, a protagonista submete-se aos desejos do companheiro anulando-se enquanto mulher.

palavras-chave crítica feminista; masculinidade hegemônica; relações abusivas

abstract the present work aims to present an analysis of gender relations with regard to hegemonic masculinity and the abusive relationships permeated by fear and male power present in *A Chave de Casa* (2013), written by Tatiana Salem Levy. for the reading, we considered the critical references on feminism and gender relations, based on the authors Bourdieu (2015), Freyre (2000), Therborn (2006) and Zolin (2009), among others. from the reading done, it was perceived that, due to the fear and the hegemonic power of the man, the protagonist submits to the desires of the companion annulling herself as a woman.

key-words feminist criticism; hegemonic masculinity; abusive relationships.

introdução

Falar de literatura de autoria feminina na atualidade é, inevitavelmente, se deparar com as relações de cânone, haja vista que, historicamente, apenas a produção literária masculina fora considerada boa literatura, de modo que as mulheres sempre ocuparam a margem no que concerne o cenário literário. Nesse sentido, Zolin (2009, p. 327) afirma que o cânone era “regulado por uma ideologia que exclui os escritos das mulheres, das etnias não-brancas, das chamadas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos favorecidos”. Assim, as mulheres passaram a publicar por meio de pseudônimos ou então tiveram seus escritos esquecidos. Outras, mais corajosas, “superaram os obstáculos escrevendo e publicando, num flagrante desafio à ordem que as restringia à esfera privada”. (DUARTE, 1997, p. 57).

O surgimento dos estudos literários no contexto do feminismo possibilitou reflexões e resgates de obras produzidas por mulheres que até então ficaram relegadas ao esquecimento da crítica. No tocante à literatura inglesa de autoria feminina, Elaine Showalter (1985 *apud* Zolin, 2009, p. 330), classifica as produções do século XIX como pertencentes a três fases, a saber: a fase feminina, a feminista e a fêmea. De acordo com a autora, as obras da primeira fase evidenciam “a imitação do modelo patriarcal”, ou seja, a “repetição dos padrões culturais dominantes”; a fase seguinte, denominada feminista, se destaca pelo “protesto contra os valores e os padrões vigentes”; e a fase que perdura até os dias atuais, isto é, a fase fêmea, caracteriza-se “pela autodescoberta e pela busca pela identidade” (ZOLIN, 2009, p. 330).

No que compete à literatura brasileira, as fases descritas por Zolin (2009), com base nos estudos de Showalter (1985), encontram-se dispostas da seguinte maneira: a fase inaugural, isto é, a fase feminina, iniciou-se com a publicação do romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, o qual mantém a repetição do modelo patriarcal vigente. Clarice Lispector, com a publicação de *Perto do coração selvagem* (1943), inicia a segunda fase, denominada pela estudiosa inglesa como feminista, na medida em que “a obra clariceana estrutura-se em torno das relações de gênero que trazem à tona as diferenças sociais cristalizadas entre os sexos, as quais cerceiam quaisquer possibilidades de a mulher atingir sua plenitude existencial” (ZOLIN, 2009, p. 331). A fase fêmea ou mulher pauta-se pelos conflitos existentes não mais nas situações de dominação masculina, mas sim no que concerne à busca pela sua própria identidade, como exemplo podemos citar a obra *A sentinela*, de Lya Luft, publicada em 1994.

Como dito, a fase fêmea perdura até os dias atuais, assim, podemos classificar a autora contemporânea Tatiana Salem Levy como pertencente a esse momento, haja vista que, por meio da protagonista do romance *corpus* deste trabalho, a autora aborda os deslocamentos espaciais e identitários, característicos da contemporaneidade. Contudo, deve-se ressaltar que, nesse romance, ao tocar em questões de gênero e relações de poder entre os sexos, a autora aborda, também, temas da fase feminista. A autora nasceu em Portugal, porém, mudou-se para o Brasil ainda bebê. Graduiu-se em Letras e possui doutorado pela PUC-RJ, foi vencedora do Prêmio São Paulo de Literatura de 2008 na categoria estreante. No mesmo ano, foi finalista do Prêmio Jabuti com o seu primeiro romance *A chave de casa*.

Em síntese, o romance *A chave de casa* conta a história de uma garota brasileira que, em meio a um estado profundo de isolamento e luto por conta da morte da mãe, recebe do avô judeu a chave da antiga casa da família na Turquia. Em meio à curiosidade e um sentimento de obrigação para com o avô, a narradora-protagonista se lança à busca da casa cuja porta a chave deveria abrir. A narrativa é fragmentada de modo que avança e recua no tempo, além de inserir, no romance, uma espécie de diálogo entre a mãe e a filha, em que as falas da mãe são evidenciadas pelo uso de colchetes. Contudo, a narrativa nada mais é que um monólogo da jovem em busca de suas origens e, consequentemente, de si mesma. A protagonista exibe uma visão sombria dos acontecimentos enquanto que a mãe, ainda que sofra de uma doença terminal, enxerga o lado bom da vida. A narradora-protagonista exibe ao leitor um mosaico de histórias, uma vez que, além de contar o mote que a leva a sair em busca da casa da família, conta-nos a história que motivou a vinda do avô ao Brasil, a relação da narradora com a mãe acamada, bem como um relacionamento amoroso entre a protagonista e um homem misterioso que acaba por não ser tão saudável quanto a protagonista imaginava. Diante do leque de possibilidades para estudo, o presente trabalho delimita-se, unicamente, nas discussões sobre as relações abusivas de gênero que aparecem no romance.

A crítica literária feminista contemporânea, frente ao descaso para com a mulher, trabalha no sentido de trazer a lume questões maiores que sempre envolveram o cânone literário, isto é, o fato de o texto não ser apenas o subsídio para tal, mas sim “construídos em consonância com os valores da ideologia patriarcal” (ZOLIN, 2009, p. 328). Desse modo, os estudos acerca da literatura de autoria feminina são de extrema importância no sentido de dar voz às mulheres para que possam constituir-se donas de seu próprio discurso.

a masculinidade e a feminilidade na sociedade brasileira: relações de sexo, poder e medo

Como se sabe, a crítica feminista apresentou abalos à tradição literária canônica, haja vista que “deu condições para que se compreendesse de uma nova forma a conexão entre duas das formas de rebaixamento a que a mulher esteve sujeita, o social e o literário” (CAMPOS, 1992, p. 116). Assim, a crítica feminista busca deslindar a falsa afirmação de que haveria, no tocante aos pontos de vista da literatura, não uma divisão de gêneros, mas sim uma universalização: o gênero humano. Nesse sentido, Campos (1992, p. 116), nos alerta para a “coincidência” de que o ponto de vista do gênero humano sempre esteve atrelado ao sexo masculino.

As discussões de gênero ganharam força em razão do movimento feminista iniciado no século XX. De acordo com a professora Maria Consuelo Cunha Campos, no que tange à categoria de gênero, até meados da década de 60, frequentemente “os lingüistas faziam prévia distinção entre esta [gênero] e a noção de sexo biológico. Enquanto este seria da ordem do dado, identificado à natureza, aquela pertenceria à ordem do construído, alinhando-se no pólo da cultura” (CAMPOS, 1992, p. 111). Ao tratar o conceito de gênero, a autora salienta que ele não é sinônimo de sexo, de modo que este “concerne à experiência social e pessoal de um e de outros sexos” (CAMPOS, 1992, p. 113). Zinani (2013, p. 106), por seu turno, corrobora a afirmação da autora supracitada quando nos ensina que “as concepções culturais formam sistemas de gênero que estão sempre ligados a fatores econômicos e políticos de uma sociedade”, assim, é preciso que o conceito de gênero não esteja “imbricado à diferença sexual” (ZINANI, loc. cit.).

Nesse sentido, as relações entre o masculino e o feminino historicamente revelam as relações de poder que se tornaram cristalizadas na sociedade, atribuindo aos homens e às mulheres papéis pré-determinados, como se estes indivíduos estivessem biologicamente condicionados a isso. Entretanto, essa “‘naturalização’ de papéis sociais atribuídos” (CAMPOS, 1992, p. 113) nada mais é do que uma máscara para sustentar e ocultar a dominação masculina.

De acordo com Arendt (1970, p. 27), podemos entender o poder como uma “habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido”, desse modo, o homem enquanto grupo sempre dominou as mulheres submetendo-as às suas vontades.

Tradicionalmente, as relações entre homens e mulheres foram sempre pautadas na oposição biológica do sexo, de modo que “a experiência masculina da sexualidade é vivida como algo concreto e objetivo”, enquanto a experiência da mulher é “vivida através de fenômenos de natureza ‘misteriosa’” (SEABRA; MUSZKAT, 1985, p. 18). Dito de outro forma, os homens, por possuírem um pênis com atividades fisiológicas visíveis (ereção, ejaculação e observação durante o excremento da urina), configuram-se a partir do campo da racionalidade; as mulheres, por sua vez, e de acordo com as autoras, possuem atividades fisiológicas escondidas que vão desde a ovulação até o próprio órgão genital que é, nas palavras das estudiosas, “embutido”, configurando-se como um ser misterioso e subjetivo (SEABRA; MUSZKAT, 1985, p. 18). Assim, a oposição entre homens e mulheres a partir da sexualidade do ser, afirmando-os como seres racionais (homens) e emotivos (mulheres), “conduz a falsas idealizações e discriminações permitindo as mais distintas formas de dominação: a dominação econômica, a dominação intelectual, a dominação social até a dominação da alma” (SEABRA; MUSZKAT, 1985, p. 119). Nesse sentido, ao situarem-se em polos distintos, supõe-se que as mulheres são seres incompletos que apenas poderiam alcançar a completude a partir da busca do outro.

O sentido do que significa ser homem na sociedade varia de acordo com o momento histórico em que ele está inserido. No que concerne à pluralidade do que venha a ser a masculinidade, Kimmel (1998, p. 106), afirma que seus significados

Variam de cultura a cultura, variam em diferentes períodos históricos, variam entre homens em meio a uma só cultura e variam no curso de uma vida. Isso significa que não podemos falar de masculinidade como se fosse uma essência constante e universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança.

Embora exista uma pluralidade de masculinidades, Kimmel (1998) nos ensina que o homem norte-americano historicamente construiu sua masculinidade baseada em “três padrões básicos de provas ou demonstrações” (ibid., p. 112), a saber: o autocontrole, a fuga e a desvalorização de qualquer outra forma de masculinidade. Sobretudo na última forma, incute-se a desvalorização da mulher, criando uma posição hegemônica em relação ao sexo oposto, de modo que às mulheres é conferido tudo que poderia minimizar a virilidade do homem, como a “representação do lar, a vida doméstica, a obrigação familiar” (ibid., p. 116).

De acordo com Freyre (2000, p. 125), no patriarcalismo, “o homem faz da mulher uma criatura tão diferente dele quanto possível. Ele, o sexo forte, ela o fraco; ele o sexo nobre, ela o belo”. Porém a beleza esperada da figura feminina, nessa perspectiva, ocupa dois polos distintos, quais

sejam: o primeiro é o de uma garota frágil, com aspecto quase doentio, e o segundo, no qual a mulher apresenta traços de uma senhora gorda e com instintos maternos. Em ambos os casos, em nada as representações das mulheres se aproximam da figura masculina, caracteristicamente dotada de agilidade e inteligência.

Um regime produzindo as criaturinhas fracas do peito, meninas românticas de olhos aregalados, de quatorze e quinze anos, que os bacharéis de vinte e cinco e de trinta namoravam passando de cartola e bengala pelas calçadas dos sobrados, voltados para as varandas como para nichos ou altares. O outro, as mães de dezoito e vinte anos, mulheres gordas, mas de uma gordura mole e fofa, gordura de doença. Mulheres que morriam velhas aos vinte e cinco anos, no oitavo ou nono parto, sem outra intimidade com o marido, que a da cama patriarcal. A intimidade do ventre passivamente gerador com o órgão ao mesmo tempo agressivamente viril e senhoril do dono da casa (FREYRE, 2000, pp. 147-148).

Bourdieu (2015), por sua vez, entende a dominação masculina como uma forma de violência simbólica. Contudo, o autor ressalta que a ideia de simbólico não quer amenizar a violência física sofrida diariamente pelas mulheres, tampouco desconsiderá-la, mas sim entende que essa violência seria “meramente ‘espiritual’ e, indiscutivelmente, sem efeitos reais” (BOURDIEU, 2015, p. 46). Ainda de acordo com o estudioso, tal força simbólica “é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física” (BOURDIEU, 2015, p. 50).

As relações entre sexo e poder estão arraigadas no patriarcado brasileiro desde o início dos tempos, na medida em que, como dito anteriormente, homens e mulheres sempre foram classificados como opostos, não só pelo sexo biológico, mas também pelas características que lhes foram impostas. O homem, durante o século XIX, era a mistura do forte com o frágil, uma vez que possuía características viris, agressividade e voz grossa, mas principalmente o poder destinado aos seres reprodutores. O homem macho era aliado a um “excesso quase feminino de ornamentação que caracterizasse sua condição de dono” (FREYRE, 2000, p. 133), mas que o distanciava do escravo. Durante muito tempo as mulheres ficaram retidas ao ambiente doméstico devendo, apenas, aprender atividades que não demonstrassem esforço físico e/ou intelectual, pois sua condição era vista como limitada. Assim, o papel da mulher na sociedade patriarcal do século XIX consistia em ater-se unicamente à “administração de sua casa, levantando-se cedo a fim de dar andamento aos serviços [...], dar ordem ao jantar [...], dirigir as costuras das muçamas e mulecas [...]” (FREYRE, 2000, p. 141).

As mulheres passaram, vagarosamente, no início do século XIX, a ultrapassar os limites da porta de casa, instruindo-se em canto, nos livros, na língua francesa e no piano, o que as distanciava sutilmente

de gerações anteriores. Ainda que não encontrasse, à época, meio de se afastar da opressão patriarcal, a mulher buscava formas de aliviar a pressão pela qual era suprimida. De acordo com Freyre (2000, p. 152), a mulher recorria ao “confessionário como um meio [...] de descarregar a consciência e de libertar-se um pouco da opressão do pai, do avô ou do marido sobre sua personalidade”. As relações estabelecidas com o médico (figura que se sobrepõe ao padre, no início do século XIX), marcam, segundo Freyre (2000), uma nova fase na vida mulher, pois ela começa a ter contato com outros homens que não os parentes de sangue.

Ao passo que surgiram novas instituições e relações que enfraqueceram a casa do macho, a dominação sobre a mulher começou, dessa forma, a declinar. Nesse sentido, até mesmo a igreja, que outrora teve papel de destaque no processo de cerceamento das atitudes femininas, passou a contribuir para que a mulher pudesse ultrapassar os limites da casa grande. Embora a mulher tenha começado a soltar as amarras que as prendiam, é necessário reforçar que, durante muito tempo, a principal vítima do patriarcado foram as mulheres solteiras, as quais sofriam abusos psicológicos não só dos pais e irmãos, mas também das mulheres casadas, uma vez que ficavam responsáveis pelas crianças, pelas escravas e pelo controle do serviço doméstico, enquanto as mulheres casadas e as meninas com pretensão de casamento direcionavam suas atenções para a igreja e para o teatro. Freyre (2000, p. 158) afirma que a “situação de dependência econômica absoluta [da mulher solteira] fazia dela a criatura mais obediente da casa. Obedecendo até as meninas e hesitando em dar ordens mais severas às mucamas”.

De acordo com Therborn (2006, p. 11), as relações entre sexo e poder não são antagônicas, pelo contrário, “ambos são moedas conversíveis e mescláveis uma na outra”. Ao considerar a mais antiga instituição social, isto é, a família, é perceptível que nela estão visceralmente ligadas as relações de poder e sexo, pois “estão inscritas nos direitos e obrigações dos membros” (ibid., p. 12) que a compõem.

Evidentemente, as relações patriarcais sofreram mudanças com o passar do tempo, porém elas ainda estão enraizadas na sociedade contemporânea sendo, inclusive, a forma básica das relações sociais em alguns países do mundo, como a Somália e a Índia, por exemplo. Tal afirmação é reiterada por Therborn (2006, p. 193), ao afirmar que o patriarcalismo “no sentido de forte influência parental sobre o casamento dos filhos, clara hierarquia do marido sobre a mulher e desvantagem institucionalizada das filhas, é ainda grande força no mundo”. Assim, pode-se depreender que, embora haja consideráveis diminuições no que diz respeito às relações patriarcais no mundo, ainda é cedo para afirmar

que o mundo está livre dessas amarras. Nas palavras de Therborn (op. cit., p. 195), “a longa noite patriarcal da humanidade está chegando ao fim. Está alvorecendo, mas o sol é visível apenas para uma minoria”

paixão, violência e medo nas relações afetivas no romance *A chave de casa*

Em *A chave de casa* (2013), de Tatiana Salem Levy, a protagonista não tem nome e conhece o homem, também não nominado, com quem, inicialmente, mantém relações afetivas e sexuais, em um elevador. Desde o primeiro contato, a narradora já deixa claro que o sentimento em relação àquele indivíduo é inominável e lhe causa estranhamento, tanto é que, ao relatar o primeiro encontro dos dois enquanto casal, afirma que eles jamais estariam em sintonia quanto ao sentimento que cada um nutria pelo outro:

Olhava nos seus olhos e entendia que, por mais que viesse a me amar um dia, jamais nos amaríamos da mesma maneira. Sabia, desde o início, que o meu amor seria sempre mais forte que o seu, e com isso sabia também do sofrimento que me aguardava (LEVY, 2013, p. 31).

A protagonista relata suas primeiras impressões sobre o rapaz e o modo como a relação entre os dois se desenvolve associando o contato entre eles com a imagem da “fome – de novidades, conversas, toques, sexo”. Na medida que caminha em direção a ele e depois vão para a cama, a narradora deixa claro que já pertencia ao companheiro de corpo e alma e que ele tinha consciência disso, pois, segundo ela relata “apertou meus braços e colou sua boca à minha, sua língua à minha [...]”. Quanto mais seus dedos descobriam o caminho, mais vulnerável eu me sentia” (ibid., p. 37).

Durante todo o relacionamento entre a protagonista-narradora e o seu companheiro, percebe-se que ela se submete ao desejo do namorado sem recusa ou mesmo questionamentos acerca das vontades que ele tem em relação ao sexo, como no episódio do ato sexual durante o período menstrual. Embora ache estranho e, em certo ponto, tenha repulsa em manter relações sexuais estando menstruada, a personagem cede à vontade do namorado de sentir o gosto do sexo misturado ao sangue. Após o início do namoro, o homem começa a demonstrar seu lado sombrio, misógino e patriarcal, haja vista que começa a atribuir o seu apetite sexual à forma como a protagonista se veste:

Já no elevador, perguntei: Por que essa pressa toda? A conversa estava tão agradável... Você respondeu: *foi você, essa sua roupa, esse seu vestido soltinho, essa sua mania de não usar sutiã*. Fiz cara de desentendida: como assim? Pois é isso mesmo, não agüento, fico louco (ibid., p. 55, grifos nossos).

Pode-se observar que o homem atribui o seu comportamento às escolhas da mulher em relação ao que veste, como se ela fosse a responsável pelo comportamento agressivo que ele demonstra. A protagonista, diante das atitudes do namorado, apenas obedece, pois o medo vem, neste caso, associado ao relacionamento de ambos, desde o início. A personagem se exhibe sensualmente seguindo as ordens do companheiro com o intuito de satisfazer os desejos de outro que não os seus próprios, o que retoma a ideia patriarcal de séculos anteriores, nos quais a mulher era única e exclusivamente objeto de reprodução e de prazer para o homem, estando sempre privada do orgasmo. A narradora, durante toda a cena, submete-se às ordens do companheiro passivamente, “Vira, você disse” (LEVY, 2013, p. 55), e conclui com uma metáfora para a forma como cada um está envolvido no relacionamento: “você inteiramente vestido, eu inteiramente nua” (ibid., p. 57), o que deixa explícito que a personagem se lança de corpo e alma no relacionamento, enquanto o homem busca uma relação pautada unicamente nos seus instintos sexuais, corroborando, neste sentido, para a ideia de mulher enquanto ser frágil e que se preocupa apenas com os aspectos afetivos num relacionamento, já o homem, por sua vez, permanece com a imagem de forte e viril, que não demonstra sentimentos à companheira.

Nesse sentido, e partindo das discussões sobre a dominação do homem na sociedade, Nascimento, Gomes e Rebello (2009, n. p.), nos ensinam que

A legitimação do domínio do masculino sobre o feminino dentro da ideologia de supremacia pode ocorrer por meio do uso da violência, outorgando aos homens, que partilham da visão hegemônica de que a dominação é uma pertença da masculinidade, o direito de usá-la.

Ritt, Cagliari e Costa (2009, n. p.), por seu turno, afirmam que, durante muito tempo ao longo da história, o homem possuía o direito legal de infligir castigos físicos à sua mulher. Segundo as autoras, “na América colonial, mesmo após a independência americana, a legislação não só protegia o marido que ‘disciplinasse’ a sua mulher com o uso de castigos físicos, como dava a ele, expressamente, esse direito”.

Ainda que o contexto seja outro, as mulheres não deixaram de sofrer violência física, sobretudo no ambiente doméstico. As políticas públicas trabalham no sentido de erradicar tais práticas, todavia, como se sabe, as mulheres continuam sob o domínio masculino, se não sofrendo agressões físicas legitimadas como no período supracitado, ao menos violência psicológica associada ao desrespeito corporal. No tocante à obra *corpus* deste trabalho, durante uma conversa ao telefone com um desconhecido, o rapaz com quem a narradora está dialogando afirma

que eles têm uma amiga em comum, sugerindo que eles pudessem se conhecer melhor. O atual namorado da protagonista, não respeita o fato de ela estar em uma ligação e, sem lhe pedir autorização, pratica sexo oral enquanto ela ainda está ao telefone. Diante da necessidade da protagonista de degustar do prazer que lhe é destinado, o namorado lhe censura:

Quando me dei conta, você já tinha tirado a minha roupa e, olhando para o meu sexo, era a sua cabeça que eu via. Enquanto ouvi a voz de estranho, sentia sua língua me ume-decendo [...]. Minhas pernas se contorciam enquanto eu falava. Temi que ele desconfiasse de alguma peculiaridade na minha voz e me pus a falar como se estivesse com pressa. *Você reparou e me repreendeu.* Queria ir até o fim (LEVY, 2013, p. 68, grifo nosso).

Percebe-se que a protagonista tem o seu prazer reprimido em função do desejo do companheiro que a induz a manter a conversa com o desconhecido e a disfarçar o seu gozo em função do prazer que isso lhe proporciona, isto é, da situação inusitada de conduzir a relação sexual enquanto a parceira encontra-se presa a situações cotidianas. Outro momento da narrativa que conduz para a ideia de vulnerabilidade da personagem em relação aos desejos do companheiro pode ser observado na seguinte passagem “Quando acordei estava molhada, a sua mão por debaixo da minha saia, a calcinha afastada para o lado” (LEVY, 2013, p. 75), na qual se evidencia o caráter, se não criminoso, ao menos dúbio e imoral do homem, visto que a legislação pertinente afirma que somente se configura crime de estupro o ato de “constranger alguém, *mediante violência ou grave ameaça*, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso” (BRASIL, 2009, n. p., grifos nossos).

Durante todo o romance, a protagonista-narradora é forçada a seguir as ordens do companheiro sem questionar, como se ela fosse um objeto que precisa ser trocado de lugar e que fora criado exclusivamente para satisfazer as necessidades e as vontades do homem, como pode ser observado nas seguintes passagens: “Vira, você disse” (LEVY, 2013, p. 55), “Eu estava saindo do banheiro quando você me forçou a voltar” (ibid., p. 79) e ainda em “Acuada, obedeci” (ibid., p. 121).

Após o relato do início da relação entre os dois e da forma como isso se construiu, a personagem-narradora afirma desconhecer o momento exato em que as brigas começaram. Segundo a personagem, as brigas eram parte do relacionamento e deles mesmos, haja vista que, “da mesma maneira que não conseguíamos viver sem o corpo um do outro, tampouco conseguíamos viver sem brigar. Às vezes nos machucávamos. Quase sempre terminávamos” (ibid., p. 84). O sentimento da protagonista pelo companheiro oscila entre o amor e a obsessão, na medida em que, mesmo após os desentendimentos e as brigas, ela afirmava que eles eram um

só e que não poderiam se separar. Contudo, esse sentimento aparenta ser exclusivamente nutrido por ela, pois o homem, ao se deparar com os sentimentos da protagonista, decide deixá-la: “Então, cada vez que percebia que eu estava apegada demais, você dizia: assim não dá, assim não quero [...]” (ibid., p. 84). Em alguns momentos a narradora questiona a sua própria sanidade mental, uma vez que possui pensamentos que lhe fogem à compreensão: “Hoje me masturbei pensando em você com outra. Será que estou ficando louca, meu deus?” (LEVY, 2013, p. 93).

O que, num olhar desatento, poderia parecer apenas pedidos relacionados às fantasias sexuais passa a se tornar mote para agressões físicas. Ao se negar a atender aos pedidos do namorado, a protagonista é agredida:

Eu disse não, não quero, estou cansada dos seus pedidos. Você me apertou os pulsos, segurando-os com uma única mão. Assustada, gritei: me solta! Você não me soltou. Com a ponta fina de um lápis que encontrou largado ao seu lado me rasgou a pele do braço. Um filete de sangue correu, manchando o sofá onde eu estava sentada. Berrei feito louca. (ibid., p. 111)

Segundo Arendt (1970, p. 39), a violência “é um recurso enormemente tentador quando se enfrenta acontecimentos ou condições ultrajantes, em razão de sua proximidade e rapidez”, assim, o parceiro da protagonista, ao se sentir afrontado pela negação de suas vontades, age por impulso, canalizando no ato violento o seu ódio.

Faleiros (2007, p. 63), por seu turno, afirma que o surgimento da violência dá-se quando “os gêneros não-masculinos saem dos lugares que lhes são determinados e se tornam subversivos – quando o poder patriarcal estruturado é contestado e se acha ameaçado”. Desse modo, ao sentir-se contrariado, o personagem masculino começa a agredir a parceira, pois o seu domínio fora contestado, ou seja, a mulher deveria se submeter às suas vontades e qualquer tentativa de não fazê-las seria uma afronta à ordem natural do patriarcado.

Embora a personagem tenha sido agredida física e psicologicamente durante todo o relacionamento, ela não consegue deixar o namorado, envolvendo-se, assim, em uma relação subsidiada pela paixão e pelo medo. Práticas de submeter as mulheres aos desmandos e à violência por parte dos homens são recorrentes, sobretudo no cenário doméstico. De acordo com a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006, n. p.), art. 7º, parágrafo III, entende-se como violência doméstica “qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força”, fato que acontece com a personagem do romance *corpus* deste trabalho, pois, ao longo da narrativa, é criado um relacionamento em forma de teia

que acaba por prender a protagonista junto ao desejo e ao medo que ela sentia pelo seu parceiro. Diversas vezes a personagem-narradora é molestada enquanto dorme e sucumbe às ordens recebidas sem possibilidade de questionamento e, na tentativa de tal ato, é agredida fisicamente, o que aumenta seu medo, como pode ser observado no seguinte trecho da obra: “Quando você aproximou docemente os lábios dos meus ouvidos, *tive medo, muito medo. Tremi*. Tira a roupa. Tira a roupa e me espera na cama, você ordenou. Acuada, obedeci. Nesse dia descobri que não era amor o que sentíamos” (LEVY, 2013, p. 121, grifos nossos).

Conforme vai se aprofundando lentamente nessa relação abusiva, a narradora afirma ir perdendo a sua mobilidade, pois, segundo ela, por meio do amor houve contato com a loucura e, por essa e outras razões, só lhe restava escrever: “com as mãos atadas [...] escrevo sem poder escrever e, por isso, escrevo” (ibid., p. 9).

Mesmo diante de todo o medo, a personagem não resiste quando o homem a procura e cede aos desejos:

Estremecia de medo, de pavor, de desejo, de saudades de você [...]. Quando o vi, me levantei feito bicho ameaçado, à espreita [...]. Nos meus olhos havia lágrimas que não escorriam. Naquele momento tudo era extremo: o desejo a alegria o prazer a dor. Tudo junto, tudo misturado, tudo um só e enorme, tudo imenso, todos os sentimentos a correr nas minhas veias, no meu corpo paralisado [...] Foi assim do início ao fim: você me tocava a pele, e eu não tinha pele (ibid., p. 138).

Sobre a violência doméstica, considerando o sujeito que pratica a ação, Ritt, Cagliari e Costa (2009, n. p.) afirmam que raramente o ato se repete quando praticado por desconhecidos, porém, “na [violência] que é praticada por pessoa próxima, a violência tende a se repetir, podendo acabar em agressões de maior gravidade, como é o caso dos homicídios das mulheres que foram inúmeras vezes ameaçadas ou espancadas antes de morrer”. A personagem do romance, por sua vez, não consegue raciocinar e acaba se deixando levar pelo que ela acredita que seja o amor e pelo medo.

É perceptível que somente a protagonista-narradora nutre sentimentos pelo parceiro enquanto este aparenta apenas desejar a companhia e o contato sexual. A partir da experiência de relações afetivas que tem com o parceiro, a personagem começa a questionar o real significado do amor: “morro de medo de que o amor seja essa dor a nos invadir, a nos devorar o corpo, a alma” (LEVY, 2013, p. 150).

No momento em que revela a gravidez ao namorado, a personagem é interpelada sobre a possibilidade de aborto, mas, ao recusar, o seu parceiro se mantém firme em seu propósito e, após o aborto aparentemente espontâneo que a personagem sofre dias depois daquela con-

versa no café da manhã, fica no ar a dúvida se ele é o responsável pelo sangramento da narradora ou se é apenas um acaso do destino, dúvida esta que circunda a própria narradora:

Até hoje não sei se foi você quem fez isso ou se foi o meu medo [...]. No meu peito, só havia espaço para o ódio e a certeza de que era você. Nem por um segundo nas horas que se passaram [...] ergui a cabeça, nem por um segundo olhei nos seus olhos: eu tinha medo de encontrar a resposta que eu refutava, de descobrir alguma confissão inóspita (LEVY, 2013, p. 153).

Durante o período em que estão separados, a protagonista, embora sofra pela ausência do parceiro, conforma-se com a solidão, porém a insistente procura do namorado a faz voltar atrás em suas decisões todas as vezes que ele bate à sua porta: “você não demorou para voltar, você não agüentava a sua solidão quando eu estava bem com a minha” (ibid., p. 167). Toda vez que é deixada sozinha após as brigas e discussões, a personagem sente-se morta, como se a sua subsistência dependesse daquele homem.

Após um longo percurso de dor e medo, a protagonista de *A chave de casa* (2013), parece finalmente perceber que o relacionamento a que esteve presa durante tanto tempo era pautado na impossibilidade de ser: “penso em nós, no nosso amor impossível, no amor irrealizado apesar dos anos juntos, e me pergunto se haveria alguma chance de ter sido de outra maneira, ou se a força do nosso amor não estava justamente na sua impossibilidade” (LEVY, 2013, p. 175).

No último contato entre ambos, é a protagonista-narradora quem o procura para uma conversa. Após recebê-lo em casa, a personagem descarrega tudo que sente por meio de uma longa fala que é transcrita sem vírgulas, pontos, num turbilhão de emoções que refletem o *pathos* da narradora-personagem. Após dizer que, embora o amasse com todas as forças e que haviam sido felizes juntos, era necessário que eles dessem uma chance a si a fim de encontrarem a felicidade ainda que distantes um do outro. Entretanto, o namorado não cede facilmente e a agarra, arranca sua roupa e a estupra:

Arrancou-me a calcinha com movimentos bruscos e penetrou imediatamente seu dedo no meu sexo seco [...]. Abaixou o short e ali mesmo, naquele sofá onde outras vezes nos amamos, deitou-se em cima de mim. Eu estava entregue à sua vontade, feito me culpasse pelo que acabara de falar. Tinha o sexo áspero, e nem a sua saliva era capaz de umedecê-lo. Você se rejubilava com a minha dor. Você me perguntou: então, não é bom? Não respondi. Não é bom? Você insistiu. Permaneci muda. Não é bom? Não, eu disse, finalmente. Então, como que para calar a minha resposta, você saiu de dentro de mim e me penetrou a boca com uma violência ríspida, eu quase sem conseguir respirar [...]. Depois me segurou o rosto com força e, com o olhar transbordando ironia, afirmou: está vendo como podemos ser felizes juntos? (ibid., p. 181).

Na passagem acima é nítido que, ainda que lute para se desprender das relações com aquele homem, a personagem acaba sempre se submetendo aos caprichos do companheiro e, após estuprá-la reitera o que o comportamento do parceiro deixa transparecer durante toda a narrativa: que para que eles sejam felizes basta que façam sexo. O comportamento agressivo do personagem masculino é basilar à própria sociedade que, em maior ou em menor medida, acaba por inferiorizar a mulher, haja vista que esta sempre foi classificada como figura privada, enquanto os homens participavam da esfera pública. Nesse sentido, e considerando o fato de, não raras vezes, associar-se a agressão a distúrbios psíquicos, Ritt, Cagliari e Costa (2009, n. p.) afirmam que “a origem da violência doméstica é estrutural, está no próprio sistema social que influi no sentido de estabelecer que o homem é superior à mulher e que essa deve adotar uma postura de submissão e respeito para com o homem-agressor”.

A última cena a abordar a relação conturbada entre a protagonista-narradora e seu parceiro, gira em torno do homicídio praticado pela protagonista. A personagem, depois de sofrer tantos maus tratos e agressões físicas e psicológicas, decide “fazer aquilo que já não podia esperar” (LEVY, 2013, p. 184). Após certificar-se de que o namorado está dormindo profundamente o cobre com um lençol e lhe desfere um golpe de faca na barriga. Depois de cometido o ato, a narradora afirma ter certeza de que não haveria outro final para o seu relacionamento senão aquele que acabara de executar. Ora, se a faca rasgava o ventre do namorado fazendo com que seus olhos a vissem pela última vez, ele, durante todo período em que esteve junto dela, jamais a olhou como a mulher que é, para ele, ela fora somente um objeto sexual.

considerações finais

As discussões sobre o papel da mulher na sociedade, bem como o modo como os relacionamentos amorosos se configuram, sobretudo em função dos inúmeros casos de violência doméstica que estão na mídia diariamente nos quais mulheres são mortas cruelmente por seus maridos e namorados, nunca estiveram tão em alta.

Como se sabe, as mulheres, durante um longo tempo, sofreram caladas no ambiente doméstico a agressão física e psicológica de seus pais, maridos e irmãos, porém, com o advento dos movimentos feministas, em consonância às campanhas de denúncias e consciência, a realidade começou a mudar. Embora o caminho para se

chegar até a igualdade social entre homens e mulheres seja longo e árduo, não se pode pestanejar, pois as consequências da violência contra a mulher, em todas as suas esferas, são funestas.

Nesse sentido, e considerando a importância da literatura no deslinde das questões patriarcais, buscou-se realizar uma leitura do romance *A chave de casa* (2013), de Tatiana Salem Levy, no intuito de promover reflexões sobre as relações abusivas e a dominação masculina na sociedade.

Percebeu-se que, durante toda a narrativa, a personagem-protagonista submete-se a um tratamento subumano pautado na objetificação da mulher e na hipotética superioridade masculina, tópicos estruturantes de uma sociedade misógina. Levy apresenta-nos, por meio do referido casal de *A chave de casa*, um relacionamento amoroso em que a personagem feminina é dotada de sentimentos em relação ao companheiro, reafirmando os ideais esperados pelas mulheres ao longo dos séculos, isto é, dotado exclusivamente de afetividade. Porém, diante do comportamento colérico da figura masculina com quem se relaciona, começa a perceber o quanto tal relação é prejudicial não só física, mas principalmente psicologicamente. Nesse sentido, podemos ler o despertar da protagonista como metáfora para o percurso pelas lutas femininas ao longo dos séculos até a atual condição, qual seja, mulheres conscientes de seus direitos, todavia ainda inseridas em uma sociedade amarrada aos preceitos patriarcais e de diminuição da mulher.

A figura masculina no relacionamento em discussão, por sua vez, evidencia o ideal de homem do século XX que acreditava que os prazeres sexuais eram inerentes à figura masculina. Assim, demonstra um comportamento agressivo, desprovido de respeito e sentimentos para com a companheira, além de tratá-la como um objeto para satisfazer seus desejos sexuais, unicamente, pois o amor e o respeito deveriam proceder da mulher.

referências

ARENDDT, Hannah. *Da violência*. 1970. Livro digitalizado em 2004. Disponível em: <<http://delubio.com.br/biblioteca/wp-content/uploads/2014/02/harendtdv.pdf>>. Acesso em: nov. 2017.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Küher. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

BRASIL. *Lei nº. 11.340 - Lei Maria da Penha*, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acesso em: nov. 2017.

_____. *Lei nº. 12.015*, de 7 de agosto de 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12015.htm>. Acesso em: nov. 2017.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Gênero. In: JOBIM, José Luis (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

DUARTE, Constância Lima. O Cânone e a autoria feminina. *Revista Tempo Brasileiro*: As aporias do cânone. Rio de Janeiro, n. 129. Abril-junho de 1997, pp. 53-60.

FALEIROS, Eva. Violência de gênero. In: TAQUETTE, Stella R (org.). *Violência contra a mulher adolescente/jovem*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

KIMMEL, Michael Scott. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. Tradução de Andréa Fachel Leal. *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, Ano 4, n. 9, 1998, pp. 103-117. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v4n9/0104-7183-ha-4-9-0103.pdf>> Acesso em: ago. 2018.

LEVY, Tatiana Salem. *A chave de casa*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013.

NASCIMENTO, Elaine Ferreira do; GOMES, Romeu; REBELLO, Lúcia Emília Figueiredo de Souza. Violência é coisa de homem? A "naturalização" da violência nas falas de homens jovens. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, Ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000400021>. Acesso em: nov. 2017.

RITT; Caroline Fockink; CAGLIARI, Cláudia Taís Siqueira ; COSTA, Marli Marlene da. *Violência cometida contra a mulher compreendida como violência de gênero*. Disponível em: < http://www.ufrgs.br/nucleomulher/arquivos/artigo_violencide%20genero>. Acesso em: nov. 2017.

SEABRA, Zelita; MUSZKAT, Malvina. *Identidade feminina*. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

THERBORN, Göran. *Sexo e poder: a família no mundo, 1900-2000*. Tradução de Elisabete Dória Bilac. São Paulo: Contexto, 2006.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. *Literatura e gênero: a construção da identidade feminina*. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2013

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de Autoria Feminina. In: BONNICI, Thomas;

ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.